

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A PROFISSIONALIZAÇÃO DO PEDAGOGO EM PERSPECTIVA

Layse Shuellen de Sousa Almeida Oliveira ¹
Simara de Sousa Muniz ²

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo refletir sobre a formação do pedagogo e os desafios da modernidade. Para tanto, se buscou fundamentação no histórico da formação do pedagogo, analisando as atribuições desse profissional para o âmbito escolar e na perspectiva crítica, reflexiva e transformadora. Na abordagem sobre a formação continuada, considerando ser esse um caminho para a profissionalização e desenvolvimento pessoal e da valorização do professor e sua identidade profissional. A metodologia baseia-se pesquisa bibliográfica e documental. A fundamentação teórica inclui são fundamentadas em Libâneo (1985; 2010), Nóvoa (1995), Pimenta (1996; 1999), Bicudo (2003), Candau (1983). Os documentos norteadores abrangem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB (9394/96); a Resolução CNE/CES nº 04, de 15 de maio de (2006) e a Resolução CNE/CP nº 02, de 1º de julho de (2015), dentre outros. Os resultados permitem afirmar que as condições de trabalho e a desvalorização social da profissão de professor, de fato, prejudicam a construção da identidade dos futuros professores, que continuam sendo os principais agentes da formação dos alunos.

Palavras-chave: Formação de professores, Pedagogia, Formação continuada.

INTRODUÇÃO

Sabemos que em sua formação inicial, o professor não se detém de todos os saberes necessários para que atenda todas as necessidades de uma sala de aula, pois esta muda de acordo com cada realidade, e com isso, é necessário que o/a professor/a permaneça estudando, realizando uma formação continuada a fim de (re)aprender, ou (re)significar suas práticas diárias, buscando aprimorar seus conhecimentos e suas práticas.

Sendo assim, os processos de formação de professores buscam obter um profissional autônomo, agente de mudança e capaz de refletir sobre sua prática. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho, e ao desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins - Unitins. E-mail: layseshuellen@gmail.com

² **Orientadora:** Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura – PPGL da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaina. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa. Atualmente é professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins-Unitins, campus de Araguatins. E-mail: simara.sm@unitins.br

Partindo desse pressuposto, a formação continuada deve ser algo permanente durante a jornada de profissionalização do professor, pois o pedagogo lida diariamente com a formação humana, assim deverá estar aberto também para novos conhecimentos.

Nesse sentido, esse artigo tem por objetivo refletir sobre a formação do pedagogo e os desafios da modernidade. Para tanto, se buscou fundamentação no histórico da formação do pedagogo, analisando as atribuições desse profissional para o âmbito escolar e na perspectiva crítica, reflexiva e transformadora. Na abordagem sobre a formação continuada, considerando ser esse um caminho para a profissionalização e desenvolvimento pessoal e da valorização do professor e sua identidade profissional.

A metodologia baseia-se pesquisa bibliográfica e documental. Para fundamentar nossas argumentações utilizamos teóricos como: Libâneo (1985; 2010), Nóvoa (1995), Pimenta (1999; 2002), Bicudo (2003), Candau (1983), LDB (9394/96), dentre outros. As bases teóricas abrangem Formação de professores, Pedagogia, Formação continuada.

É possível afirmar que o estágio é uma etapa essencial e fundamental da graduação, importante ferramenta que estabelece relações entre teoria e prática, permitindo ao estudante a possibilidade de construir sua identidade enquanto profissional.

DESENVOLVIMENTO

A educação na concepção de Morin (2001) necessita de uma reforma paradigmática que tenha como base a complexidade do conhecimento. Morin (1999) afirma que o problema da complexidade do conhecimento é um desafio, pois só se conhece o todo se conhecermos as partes, e só se conhecem as partes se conhecermos o todo. O autor salienta que vivemos em uma época de mundialização em que os grandes problemas deixaram de ser particulares para serem mundiais, vide como exemplo os problemas ambientais e ecológicos e o vírus da Aids, todos problemas que se mundializaram. Fala-se em uma reforma de mentalidade, uma reformulação e alteração ao que está posto, visto que sob esta perspectiva a educação e atuação docente não só altera e gera mudanças a nível macro (sala de aula), mas também macrossocial (sociedade em geral) (MORIN, 2001).

Com efeito, Almeida (2005) entende que contextualizar a formação no âmbito do desenvolvimento profissional dos professores e professoras decorre do entendimento de que a formação contínua se processa como algo dinâmico e interativo, que vai além dos componentes técnicos e operativos normalmente impostos aos professores pelos sistemas de

ensino, que desconsideram a dimensão coletiva do trabalho docente e as situações reais enfrentadas por esses profissionais em suas práticas cotidianas.

Segundo a autora, “essa contextualização também propicia um caráter mais orgânico às várias etapas formativas vividas pelo professorado, assegurando-lhes um caráter contínuo e progressivo” (ALMEIDA, 2005, p. 4).

[...] se essa articulação não ocorre, as novas possibilidades formativas, pensadas para responder ao dinâmico processo de mudanças sociais e educacionais, acabarão apenas por adicionar mais atribuições à sobrecarga que lhes é imposta na atualidade (ALMEIDA, 2005, p. 5).

Todavia, essa autora adverte que, na medida em que a formação se articula com os demais aspectos da atuação dos professores, como por exemplo, contexto social de atuação, ética profissional, condições de trabalho, carreira, salário, jornada, avaliação profissional (PINHO, 2007), devemos considerar à docência como uma profissão dinâmica, em constante desenvolvimento, propiciando a emergência de uma nova cultura profissional.

Os processos de formação de professores buscam obter um profissional autônomo, agente de mudança e capaz de refletir sobre sua prática. Para Corte e Lemke (2015, p. 7) “Atualmente, espera-se ainda que esse profissional seja capaz de se adaptar às mais variadas condições de trabalho e que esteja em constante investigação e análise reflexiva de seu fazer pedagógico”. São estes alguns dos elementos constitutivos do ser professor.

A formação almejada para o professor de educação básica é assunto sempre presente em eventos que tratam da educação. Discute-se o quanto de formação o professor precisa para que esteja apto a exercer sua função. A Lei de Diretrizes e Bases LDB (nº 9394/94) em seus artigos de nº 62 e 63 e as Diretrizes Curriculares Nacionais (2015) garantem a formação profissional do professor afirmando que:

Compreende-se à docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo (BRASIL, 2015, p.03)

A educação está em constantes mudanças, os conceitos mudam e a tecnologia avança com rapidez. Automaticamente, o docente precisa compreender que necessita acompanhar as mudanças que acontecem para enfrentar os desafios em sala de aula. Porém, percebe-se que ainda existe uma relutância por parte do corpo docente em buscar o conhecimento além da formação superior.

Com o passar dos anos e o avanço da idade do professor, os conteúdos também vão se transformando e se reestruturando, novos alunos entram na escola e com eles mais informações. Faz-se necessário compreender que para ensinar, o professor também necessita estar aberto para novos conhecimentos, pois isso abre portas para que novas metodologias sejam usadas dentro da sala. Não se acomodando apenas na formação feita na academia.

Formar professores na atualidade no novo ideário pedagógico: perspectiva Crítica Reflexiva - Transformadora

Em busca de uma sólida formação para os desafios da modernidade, um novo perfil de professores vem sendo construído por teóricos críticos em contraposição com as exigências do novo sistema produtivo. A concepção que se tem do professor nessa nova fase do capitalismo é de um profissional competente, capacitado para desenvolver nos alunos o espírito da nova sociedade liberal, segundo os princípios da equidade, qualidade e eficiência (LIBÂNEO; OLIVEIRA 2010)

Em decorrência de uma adoção de uma didática instrumental, surgiram reflexões buscando abordar a importância da dimensão política e humana, mas sem perder de vista que essas de maneira alguma podem estar separadas na prática pedagógica, pois ambas se fazem necessárias para uma prática crítica e coerente. CANDAU (1983), assim se expressa quanto a essa discussão: “Competência técnica e competência política não são aspectos contrapostos. A prática pedagógica, exatamente por ser política, exige a competência técnica.

A tendência liberal tecnicista subordina a educação à sociedade, tendo como função a preparação de “recursos humanos” (mão- de- obra para a indústria). A sociedade industrial e tecnológica estabelece (cientificamente) as metas econômicas, sociais e políticas, a educação treina (também cientificamente) nos alunos os comportamentos de ajustamento a essas metas. (LIBÂNEO, 1995 P. 22).

Numa perspectiva crítica transformadora a preparação do professor deve voltar-se para o desenvolvimento da crítica e da reflexão teórica (GIROUX 1997; SCHÖN 2001; LIMA 2011; PIMENTA 1999/2002; NÓVOA 1995) para que no seu fazer tenha a sua disposição diferentes modos de intervir e assim mobilizando os saberes de sua formação, mas de modo que não se detenha a eles, mas que construa continuamente seus saberes a partir no movimento de ação reflexão ação, adequando a sua prática ao contexto diverso da sala de aula.

A perspectiva tecnicista surgiu do processo de racionalidade que enfatizou que a preparação do professor deve se voltar, a priori, aos aspectos instrumentais, técnicos, em que

na prática o professor deve se importar mais com os meios do que com os fins. Não há preocupação de uma formação teórica capaz de embasar o professor e torná-lo sabedor das complexas relações sociais que a escola mantém com a sociedade. Basta apenas o domínio dos meios capazes de lhe possibilitar uma boa reprodução dos conhecimentos contidos no currículo escolar. Este, imposto ao professor como algo definitivo.

A valorização da profissão professor e sua identidade profissional

O professor é descrito por Libâneo (2001, p.63) como “um profissional cuja a atividade principal é o ensino. Sua formação inicial visa a propiciar os conhecimentos, as habilidades e as atitudes requeridas para levar adiante o processo de ensino e aprendizagem nas escolas”. Portanto, quando o professor sai do campo de formação acadêmica, ele precisa ainda adquirir a experiência necessária para desenvolver as suas competências profissionais, ou seja, ele ainda precisa buscar o domínio de matéria e dos conteúdos, além desenvolver suas metodologias de ensino.

De forma desafiadora, o professor sai da academia e se depara com uma realidade vivida atualmente no Brasil, Bicudo (2003, p. 13) descreve que “a profissão professor é gritantemente desvalorizada cultural, social e economicamente”, com isso o autor deixa perceptível que com a influência de todos esses aspectos, a imagem do professor como profissional também sofre um desprestígio no mercado de trabalho, por conta do salário oferecido para a classe.

Para Libâneo (2001, p. 65) as condições de trabalho e a desvalorização social da profissão de professor, de fato, prejudicam a construção da identidade dos futuros professores com a profissão. [...] Isto acontece porque a identidade com a profissão diz respeito ao significado pessoal e social que a profissão tem para a pessoa.

Com isso o autor deixa claro que a significação da profissão, tem muito a ver com a formação de como o professor irá atuar dentro da escola. Afinal, o desestímulo atrapalha a prática docente. Pois o professor, precisa estar sempre buscando por melhores condições de trabalho, a preocupação do docente está totalmente voltada para as dificuldades enfrentadas na sala de aula, e não na execução da aula em sua prática.

Libâneo (2001, p. 65) segue dizendo que “os professores continuam sendo os principais agentes da formação dos alunos e, portanto, a qualidade dos resultados de aprendizagem dos alunos é indispensável da qualificação e competências dos professores.” Por esse motivo, para que a identidade do professor seja construída o próprio profissional

precisa fazer parte da construção do conhecimento que acontece desde a formação inicial e segue-se com as formações continuadas.

Pimenta e Lima (2009) esclarecem sobre a utilização de técnicas no exercício de qualquer profissão, deste modo, aplica-se também à profissão professor. No entanto, a atividade docente requer mais que o emprego de técnicas, pois reduzi-la a isto significa oferecer um caráter meramente prático ao profissional. Comprendemos que somente as técnicas de ensino não trazem soluções para a complexidade de situações que ocorrem na escola, pois não possibilitam ao professor refletir sobre as suas ações em sala de aula.

A formação continuada: um caminho para a profissionalização e desenvolvimento pessoal

Um curso de graduação, dado o volume de conhecimentos produzidos dia a dia em todas as áreas da atividade a que o homem se propõe. No caso particular do professor, de qualquer nível de ensino, nós acrescentamos, como razão essencial, o objeto, por sua natureza, mutante a uma velocidade vertiginosa.

Todo profissional em formação anseia por inserção no campo profissional, que proporcione uma primeira aproximação com as habilidades, técnicas e saberes do ofício. Deste modo, ao longo da história tem sido longo o percurso construído no que se refere à iniciação da prática docente. Entre acertos e erros hoje podemos considerar que esse lugar específico existe nos cursos de formação, no caso, durante o Estágio Supervisionado.

Comprendemos que o estágio deve propiciar ao futuro professor a compreensão de que ele não é apenas mero reprodutor de ciência produzida por outros, mas que ele mesmo tem competências para criar suas possibilidades de intervir no contexto, condição favorável ao desenvolvimento de posturas reflexivas a serem assumidas pelos futuros docentes da educação básica.

Um professor não estará, nunca, inteira e suficientemente formado, por uma ou outra razão. A educação, na confluência do social, do econômico, do natural, do cultural, do político, do biológico, exige um profissional com múltiplas competências e que, a todo e qualquer momento, em toda e qualquer situação, esteja dotado de uma atitude fenomenológica diante do mundo, de um agudo sentimento do real que se esconde atrás de aparências e, também, com uma dúvida incurável que o impulsiona na direção do aluno e do que este representa.

O processo evolutivo exige diariamente mudanças, atualizações e readaptações e isso inclui o professor e o ambiente escolar. Dessa forma, a formação continuada vem para criar

momentos de reflexão da prática docente, assim como também ofertar novos conhecimentos. Como o próprio nome diz ‘formação continuada’, ou seja, a continuação da formação inicial do professor que pode se dar na universidade ou magistério.

Não é suficiente, para ser professor, saber os conteúdos dos manuais e dos tratados, conhecer as teorias da aprendizagem, as técnicas de manejo de classe e de avaliação, saber de cor a cronologia dos acontecimentos educativos, nomear as diversas pedagogias da história. Para ser professor é preciso conhecer o seu papel, sua razão profissional – ajudar os alunos a ver e compreender a realidade, expressar-se e expressar a realidade, descobrir e assumir a responsabilidade de ser elemento de mudança dessa realidade (NIDELCOFF, 1985, p. 6).

Para ser professor, é preciso vivenciar a ESCOLA, esta instituição que é o espaço de sua prática profissional, e que se encontra povoado de praticantes de um mesmo afazer. Formar um professor é mais do que a soma de todos os créditos de um “Histórico Escolar”, mais do que expressam as ementas das muitas disciplinas pagas durante o curso. O todo continua a ser maior do que a soma das partes.

Para simplificar, Luckesi (2001, p.189) descreve que a formação continuada é o prolongamento da formação inicial visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho, e ao desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional.

Partindo desse pressuposto, a fala do autor mostra o quanto a formação continuada deve ser algo permanente durante a jornada de profissionalização do professor, que aliás não é um processo que tem um ponto final, pois o pedagogo lida diariamente com a formação humana, assim deverá estar aberto também para novos conhecimentos. Isso ajuda muito na produtividade e crescimento do docente recém-formado, pois gerará momentos reflexivos sobre como ele atua dentro de sala de aula, além de troca de experiências com os demais profissionais.

O contato entre profissionais, em muito acrescenta na vida do recém-formado, pois esse pode basear-se nas experiências do corpo docente escolar, saber das dificuldades enfrentadas pelos professores dentro da sala e como replanejaram suas metodologias para alcançar os objetivos propostos no currículo e no Projeto Político Pedagógico (PPP).

Apesar de todos os benefícios que a formação continuada traz para o pedagogo em sua vida profissional, percebemos que muitos ainda veem a formação continuada como algo chato e obrigatório, e essa é a única formação a qual têm acesso em toda sua carreira. Devemos entender quão grande é a responsabilidade de educar outra pessoa, é necessário que tenha uma boa prática pedagógica para compor o processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões desenvolvidas, compreendemos que o processo evolutivo exige diariamente mudanças, atualizações e readaptações e isso inclui o professor e o ambiente escolar, sendo que a atividade principal do professor é o ensino. Dessa forma, sua formação inicial precisa propiciar os conhecimentos, habilidades e as atitudes requeridas para levar adiante o processo de ensino e aprendizagem nas escolas.

A profissão professor é gritantemente desvalorizada cultura, social e economicamente, um desprestígio no mercado de trabalho. A influência de todos esses aspectos se justifica pelo baixo salário oferecido para a classe. As condições de trabalho e a desvalorização social da profissão de professor, de fato, prejudicam a construção da identidade dos futuros professores com a profissão. Os professores continuam sendo os principais agentes da formação dos alunos e, portanto, a qualidade dos resultados de aprendizagem dos alunos é indispensável da qualificação e competências dos professores.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Filosofia da educação. 3ª ed. ver. e amp. São Paulo: Moderna 2006.

BICUDO. Maria Aparecida Viggiani (org.). **Formação de Professores? Da incerteza a compreensão.** – Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BRASIL. **lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996** (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9.394.htm>. Acessado em 15 set. 2019.

_____. Ministério da Educação. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 04, de 15 de maio de 2006.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acessado em 15 set. 2019

_____. Ministério da Educação. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 02, de 1º de julho de 2015.** Diário Oficial da União, Brasília, 02 de julho de 2015. Disponível em: <pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/res_cne_cp_02_03072015.pdf>. Acessado em 15 set. 2019

CANDAU, Vera Maria (org.). **A didática em questão.** Editora Vozes; Petrópolis, RJ 5ª edição 1983.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia.** 10ª ed. Trad. de Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

GIROUX, Henri A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIBÂNEO, José C.. **Democratização da escola pública**: A pedagogia crítico-social dos conteúdos. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1985.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza SEABRA. Educação escolar. Políticas, estrutura e organização. São Paulo. Cortez, 2010.

LIMA, Elmo de Souza. Formação continuada de professores no semiárido: ressignificando saberes e práticas. Teresina EDUFPI, 2011.

LOPES, Maria do Socorro. A formação continuada nas palavras dos autores. In: SOBRINHO, José Augusto C. M.; CARVALHO, Marlene A. (orgs.). Formação de professores e práticas docentes: olhares contemporâneos. –Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. Em: PENA_VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. **O pensar complexo Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. 13p.

NILDECOFF, M.T. Uma Escola Para o Povo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antonio (coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote e Instituto Educacional, 1995. P. 15-33.

PIMENTA, S. G. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

_____, S. G. **Formação de professores – saberes da docência e identidade do professor**. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v.22, n.2, p.72-89, jul./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33579/36317>>. Acesso em 18 de ago. 2019

GHERDIN, E. Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 12-52